



TECNOLOGIA EDUCACIONAL: O USO DO APP *SILABANDO* NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DOS ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

Maria do Socorro David Andrade¹
Maria Zilda Medeiros da Silva²
Jôse Pessoa de Lima³
Marleide Francisco de Lima⁴
Marilene Rodrigues⁵

RESUMO

O Atendimento Educacional Especializado-AEE é uma modalidade de ensino que envolve alunos com diferentes deficiências, transtornos e alta habilidade. Ensinar aos alunos com necessidades especiais torna-se um processo desafiador para os profissionais da educação, família e, principalmente, para o aluno que pertence a essa modalidade de ensino. E a tecnologia é uma importante ferramenta para o processo de alfabetização desses educandos com deficiência, proporcionando uma linguagem acessível, mediante os recursos multimodais. Nessa perspectiva, o aplicativo silabando é um recurso propício no processo de aprendizagem de alunos com Deficiência Intelectual – DI, promovendo um ensino com estratégias mais dinâmicas e interativas. Essa pesquisa é de cunho bibliográfico, aplicada e de abordagem qualitativa, em que possibilitou análises bibliográficas, com objetivo de verificar como acontece o processo de ensino aprendizagem do aluno com DI por meio dos recursos tecnológicos digitais que fazem parte do cotidiano social contemporâneo. Como resultados, percebemos que a tecnologia é uma eficiente ferramenta no processo de ensino de alunos com necessidades especiais, pois houve aumento significativo da participação e da interação dos educandos envolvidos na pesquisa. Como referencial teórico, baseamo-nos em Bersch (2017); Silva (2016); Moraes (1997); Sasaki (1997), entre outros autores que versam sobre os temas abordados nesse trabalho.

Palavras-chave: Tecnologia. Deficiência Intelectual. Ensino. Aplicativo Silabando.

INTRODUÇÃO

A tecnologia educacional vai além do conceito e utilização da máquina, perpassa meios robóticos, permite elevados avanços na história. Toda informação e construção social faz parte da tecnologia, desde o uso do giz de cera até o uso das próteses humanas.

Esse fenômeno proporciona conhecimento amplo para desenvolver o ensino e aprendizagem, visto que os profissionais da educação precisam estar em constante capacitação, atualizando-se conforme o desenvolvimento das facetas sociais. Pois os alunos com deficiência também chegam nas instituições escolares com diversidade de conhecimento referente à

¹ Especialista em Educação Inclusiva pela Faculdade Integrada do Cruzeiro-FIC, mariasdandrade@outlook.com;

² Mestranda em Linguística e Ensino pela Universidade Federal da Paraíba- UFPB, zilda_natura@hotmail.com;

³ Mestra pelo Curso de Letras da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, josypessoa10@hotmail.com;

⁴ Especialista em Libras pela Nassau/PB, marleidefranlima@gmail.com;

⁵ Professora Orientadora: Doutora em Educação - Veni Creator Christian University, rodrigues.marilene07@gmail.com.



tecnologia, no entanto, precisam ser avaliados pelos docentes, mediante instrumentos metodológicos para que haja aprendizagem significativa, visando à promoção de competências e habilidades dos educandos.

Para Imbernóm (2016, p. 91), “A tarefa da formação não é capacitar um docente para transmitir saberes e estruturar uma cultura dominante, e sim estabelecer uma reflexão e uma análise para transformar a escola e colocá-la a serviço da comunidade”. Acreditamos que a formação do professor no conhecimento de novas tecnologias irá contribuir para o meio social do aluno com deficiência intelectual.

Quando o ensino está voltado para alunos com necessidades especiais, as estratégias metodológicas representam uma dimensão muito maior e mais importante, pois possibilita ao aluno um acesso visual em que a palavra e a frase estudada são referenciadas através de imagens, tornando a atividade mais atrativa. Para Moraes (1997, p. 5), “o simples acesso à tecnologia, em si, não é o aspecto mais importante, mas sim, a criação de novos ambientes de aprendizagem e de novas dinâmicas sociais a partir do uso dessas novas ferramentas”.

O aluno com DI precisa de um ensino dinâmico, prazeroso e visual para realizar uma associação do conteúdo ao referencial de sua realidade, acometendo uma absorção e assimilação mais fixa do assunto estudado. Dessa forma, a tecnologia traz um caminho muito diversificado de informação para a construção do conhecimento.

O processo de alfabetização faz parte de um caminho minucioso e estratégico, e, quando esse percurso acontece com os alunos com deficiência, torna-se ainda mais desafiador, contribui para que o docente esteja em constante renovação pedagógica. O professor é o profissional que faz a ponte entre a oportunidade de aprender e a oportunidade de ensinar, dessa forma, deve ser investida nesse profissional toda credibilidade e capacitação, nessa profissão que instrui todas as outras profissões.

Nessa perspectiva, acreditamos que o aplicativo silabando é um recurso metodológico enriquecedor no processo de aprendizagem de alunos com Deficiência Intelectual – DI, favorecendo um ensino com estratégias mais dinâmicas e interativas.

Como resultados, percebemos que a tecnologia é uma grande ferramenta no processo de ensino de alunos com necessidades especiais, pois houve aumento significativo da participação e da interação dos educandos envolvidos na pesquisa. Em relação ao referencial teórico, baseamo-nos em Bersch (2017); Silva (2016); Moraes (1997); Sasaki (1997), entre outros autores que versam sobre os temas abordados nesse trabalho.

METODOLOGIA



A respeito dos procedimentos metodológicos, utilizamos a pesquisa bibliográfica, aplicada e de abordagem qualitativa, em que realizamos análises bibliográficas com objetivo de verificar como acontece o processo de ensino aprendizagem do aluno com DI por meio dos recursos tecnológicos digitais que fazem parte de sua vida social.

Nessa perspectiva, acreditamos que o ensino necessita ser dinâmico e interativo, através de metodologias adaptadas a cada situação e dialogando com o currículo. Desse modo, o projeto tem como proposta articular as habilidades de alfabetização e letramento ao uso do software educativo *Silabando*, possibilitando aos alfabetizadores, práticas pedagógicas, de forma dinâmica, lúdica e prazerosa.

Tivemos ainda o objetivo de possibilitar ao aluno uma construção de conhecimentos de forma prática e dinâmica, pensando em diversas facetas de ensino com regras, mas também com flexibilidades para construir o novo. Dessa forma, os discentes experimentaram novas práticas de alfabetização por meio do uso da ferramenta *Silabando*, vivenciando uma aprendizagem significativa, de forma lúdica, processual e prazerosa.

O aplicativo *Silabando*, é gratuito, com recursos visuais e sonoros dinâmicos, a sua orientação está na construção das palavras através de sílabas simples e complexas, com diferentes grafias. Ele possui uma grande diversificação de palavras, sempre realçadas com cores diversificando as sílabas estudadas e reproduzindo em áudio a palavra solicitada, motivando a associação, memorização e pronúncia de tais léxicos. A pessoa possui autonomia ao escolher as sílabas, sendo auxiliado pelo uso de imagens referentes à palavra apresentada.

Para alcançarmos os objetivos propostos nesse trabalho, aconteceram quatro encontros, on-line, com a professora do AEE- Atendimento Educacional Especializado da sala de recursos multifuncionais, juntamente com a professora responsável pela turma e com o apoio das famílias. Os encontros foram realizados com dois alunos portadores de DI, mediados pela professora da AEE.

A princípio, a ferramenta foi apresentada aos alunos por meio do *Google Meet*, no contexto de aprendizagem do aluno, que de forma processual conseguiram, com ajuda dos envolvidos no processo, a construção das atividades através do aplicativo, oportunizando o acesso a outras atividades e permitindo que faça parte de suas práticas diárias de estudos e ensino.

Posteriormente, realizamos oficinas virtuais nos demais encontros, mostrando e explicando aos alunos como eles iriam fazer as atividades propostas pela professora da AEE. Eles utilizavam o celular para visualizar as instruções da docente, e, paralelamente, iam



seguindo os passos para a consolidação dos exercícios. Após os encontros, os alunos reservavam um tempo em casa com seus responsáveis para treinar a formação das palavras, fotografar ou gravar vídeos dos momentos e enviar para as professoras.

REFERENCIAL TEÓRICO

O PROCESSO DE ENSINO PARA O ALUNO COM DEFICIÊNCIA

A Educação Especial é uma modalidade de ensino que vem enfrentando desafios e obstáculos para que haja, de fato, a inserção e inclusão no meio social. Atualmente, essa área passou a ter suas ações direcionadas para uma educação inclusiva, trabalhando com alunos portadores de deficiências. O atendimento conforme os documentos que regem essa modalidade devem ser preferencialmente em instituições de ensino regulares, tanto em sala regular, quanto em Sala de Recursos Multifuncionais – SRM. Ela perpassa todos os níveis de ensino. De acordo com a Constituição Federal de 1988:

Art. 58. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais. § 1º Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela de educação especial. § 2º O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular. § 3º A oferta de educação especial, dever constitucional do Estado, tem início na faixa etária de zero a seis anos, durante a educação infantil.

Nesse sentido, percebe-se que a educação especial atinge muitos públicos de diferentes níveis, seu público-alvo corresponde a alunos com deficiência diversas, com transtornos globais do desenvolvimento e/ou com altas habilidades. Essa modalidade de ensino também possui os mesmos objetivos da educação regular: proporcionar oportunidade de ensino de forma igualitária e integral, com intenção de permitir um acesso inclusivo e permanente, atendendo as diferentes necessidades. Nesse sentido:

[...] um processo que visa a promover o desenvolvimento das potencialidades de pessoas portadoras de deficiências, condutas típicas ou altas habilidades, e que abrange os diferentes níveis e graus do sistema de ensino. Fundamenta-se em referenciais teóricos e práticos compatíveis com as necessidades específicas de seu alunado. O processo deve ser integral, fluindo desde a estimulação essencial até os graus superiores de ensino. Sob esse enfoque sistêmico, a educação especial integra o sistema educacional vigente, identificando-se com sua finalidade, que é a de formar cidadãos conscientes e participativos (BRASIL, MEC/SEESP, 1994, p.17).



A partir do exposto, entendemos que o processo de ensino e aprendizagem, principalmente com os alunos portadores de deficiência, precisa ser aperfeiçoado, inserindo as tecnologias digitais, tendo em vista que fazem parte da realidade do aluno, muitos já fazem uso do celular, do *tablet* e de outros aparatos tecnológicos. E, utilizar os recursos que fazem parte do cotidiano do aluno, dessa geração nativa digital, potencializa o processo de ensino-aprendizagem, promovendo a recepção e desenvolvimento intelectual dos discentes.

Desse modo, a escola necessita adaptar-se a novas demandas metodológicas sociais e os órgãos responsáveis pela formação de professores, visto que as crianças com necessidades especiais precisam de atendimento peculiares, de acordo com as limitações e deficiências de cada uma.

A TECNOLOGIA DIGITAL COMO RECURSO DIDÁTICO

A evolução tecnológica constrói um caminho de acesso às diversas formas de ensino, favorecendo o processo de ensino-aprendizagem. É um recurso produtivo e inovador, mas para que seu uso seja efetivo, o sistema educacional vigente necessita preparar-se, de acordo com os padrões sociais contemporâneos, promovendo a formação do pensamento crítico, pois as mudanças no comportamento da nossa sociedade são inúmeras.

Nesse contexto, o professor é o principal mediador no processo de ensino-aprendizagem envolvendo a tecnologia digital, e o aluno traz consigo as experiências cotidianas com os recursos de jogos, redes sociais, que se o professor não estiver atualizado, pode tornar o processo de ensino frustrado e fracassado. Porém, a tecnologia digital oferece-nos construções de ferramentas para trabalhar com diferentes necessidades.

Sabe-se que em 2007, através do Programa de Implantação de Salas de Recursos Multifuncionais, instituído pelo MEC/SEESP por meio da Portaria Ministerial nº 13/2007, integra o Plano de Desenvolvimento da Educação – PDE, destinando apoio técnico e financeiro aos sistemas de ensino para garantir o acesso ao ensino regular e a oferta do AEE para o aluno com deficiência. O decreto determina que os alunos especiais devem ser atendidos também na sala de recursos multifuncionais, contribuindo para uma formação solidificada. Esse atendimento será ofertado pelos sistemas de ensino com vistas a apoiar o desenvolvimento do alunado considerado público-alvo da Educação Especial.

Conforme com o Edital nº 01 de 26 de abril de 2007 do MEC – pelo Programa de Implantação das Salas de Recursos Multifuncionais, esse decreto tem por objetivo geral:



Apoiar os sistemas de ensino na organização e oferta do atendimento educacional especializado, por meio da implantação de salas de recursos multifuncionais nas escolas de educação básica da rede pública, fortalecendo o processo de inclusão nas classes comuns de ensino regular (BRASIL, 2007).

O atendimento na sala de recurso tem como função e objetivo reconhecer, elaborar e organizar recursos didático-pedagógicos e de acessibilidade que possibilitem a participação e o processo de aprendizagem dos alunos com deficiências, analisando em conta as suas necessidades específicas. O uso da tecnologia é de fundamental importância para acessibilidade e formação dos alunos especiais, porém, muitas das vezes essas salas não despertam o interesse dos alunos, pois não investem em recursos inovadores.

O aluno com DI faz parte desse público, que precisa de um Atendimento Educacional Especializado- AEE, com estratégias educacionais diferenciadas, sendo os recursos tecnológicos uma ponte fundamental para diferenciação no processo de ensino-aprendizagem.

As Tecnologias de Informação e Comunicação – TICs possibilitam aos DI oportunidades de comunicação, através de diversos aplicativos e redes sociais entre outras técnicas inovadoras. A Tecnologia Assistiva, por exemplo, ajuda o contato do aluno DI na sala de recursos com os diversos tipos de materiais, construídos e adaptados para proporcionar o desenvolvimento dos educandos. Sendo assim:

A TA deve ser entendida como um auxílio que promoverá a ampliação de uma habilidade funcional deficitária ou possibilitará a realização da função desejada e que se encontra impedida por circunstância de deficiência ou pelo envelhecimento. Podemos então dizer que o objetivo maior da TA é proporcionar à pessoa com deficiência maior independência, qualidade de vida e inclusão social através da ampliação de sua comunicação, mobilidade, controle de seu ambiente, habilidades de seu aprendizado e trabalho (BERSCH, 2017, p. 2).

A Tecnologia Assistiva é uma área do conhecimento de interação interdisciplinar que proporciona ao surdo uma inserção através de recursos, serviços, estratégias que contribuem para a sua autonomia, independência e inovação no processo de ensino. Contribui para ampliar as habilidades funcionais através da independência e a inclusão.

Os recursos tecnológicos possibilitam aos alunos uma facilidade de acesso à informação, para a construção do processo de inclusão nas redes de ensino, não é para corrigir a sua deficiência, mas para contribuir com sua confiança e autonomia mediante o uso da tecnologia de forma orientada para o desenvolvimento do ensino e aprendizagem.

O USO DO APLICATIVO *SILABANDO* NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM



O meio onde as pessoas se relacionam é muito importante para sua formação pessoal, emocional e em todas as suas áreas. Uma criança em que participa de um ambiente prazeroso, leve e desafiador consegue superar as diversidades sociais muito mais que crianças que vivem em espaços subjulgados, repreensivo e preconceituoso.

Segundo Vygotsky (1991), a circunstância humana não é determinada pela natureza, porém, formada através do processo histórico-cultural pautado nas interações entre homens e o meio. Dessa forma, os aspectos biológicos não são determinantes. Acreditando que o desenvolvimento de qualquer indivíduo, com deficiência ou não, depende das oportunidades das experiências no processo motivacional e com as relações entre as pessoas, sendo encorajado em superar as habilidades.

Há pessoas que nascem com alguma deficiência, transtorno e/ou necessidade especial, mas as suas características biológicas não são fatores exclusivos, determinantes e conclusivos que as impeçam de superar seus limites, desenvolver habilidades específicas, enfrentar seus desafios e conquistar avanços.

A sociedade está habituada a rotular portadores de necessidades especiais como pessoas incapazes de realizar determinadas atividades. Essas concepções de desenvolvimento das habilidades podem ser realizadas por meio das avaliações constatadas através de testes simples e/ou até os mais avançados, como o quociente de inteligência (QI). Porém, se colocarmos todos os alunos em uma linha de análise em que uns são dotados mais que outros em inteligência, em muitas das vezes, não passa de rótulos classificatórios, sem considerar que somos seres diferentes, singulares e únicos, erramos nas avaliações.

Na escola, não é diferente. O aluno especial, principalmente no processo de alfabetização, momento muito especial da descoberta de muitas coisas novas, conhece um mundo repleto de sentidos e de emoções, deve ser alicerçado com bons profissionais, espaços qualificados e construções de diversas parcerias: escola, família e sociedade, para que todos vençam os desafios diários (COLL, PALÁCIOS & MARCHESI, 1995).

É pensando nesses desafios que todos devem unir-se em prol das conquistas do DI. Pois ele irá apresentar desafios diferenciados no processo de ensino e aprendizagem. Dessa forma, o ensino necessita seguir uma orientação e atenção condicionada para as suas especificidades.

Os estudantes com DI podem, com suas variações, apresentar dificuldades para resolver problemas, compreender ideias abstratas, construir relações sociais, compreender e obedecer as regras, realizar atividades rotineiras, diante de suas características que são necessários à construção de estímulos na efetuação de conhecimentos, independência e relações intra e interpessoal.



Sassaki (1997, p. 167) aponta o conceito de inclusão social como:

Processo pelo qual a sociedade e o portador de deficiência procuram adaptar-se mutuamente, tendo em vista a equiparação de oportunidade e, conseqüentemente, uma sociedade para todos (...). A inclusão significa que a sociedade deve adaptar-se às necessidades da pessoa com deficiência para que esta possa desenvolver-se em todos os aspectos de sua vida (SASSAKI, 1997, p. 167).

De acordo com Sassaki (1997), a inclusão significa que a sociedade deve flexionar suas práticas, adaptando-as ao contexto social dos discentes, como por exemplo, a pandemia do coronavírus. A realidade do convívio das pessoas mudaram; devido à necessidade do isolamento social, o cronograma do ano letivo também estar acontecendo de forma diferenciada, como ensino remoto. Não foi diferente para os alunos com deficiência, em que em sua maioria tem a imunidade baixa, e precisa de cuidado especial.

As estratégias para trabalhar com os alunos portadores de deficiência devem ser proporcionais as suas condições físicas e biológicas, no entanto, os mesmos devem participar do processo de ensino. Nessa intenção, foi necessário pensar uma ferramenta que trabalha o lúdico, o processo de alfabetização e faça parte da realidade do aluno, assim se fez, iniciou-se a aplicação de aulas remotas com a ferramenta *Silabando*.

Todos os professores buscam desenvolver a construção de ensino, e devem estar atentos para o processo de desenvolvimento dos estudantes. Primeiramente conhecer muito bem o aluno com atenção em suas características pessoais e intelectuais, desafiando e oportunizando o desenvolvimento através da experiência psíquica, física e social de cada estudante.

A ênfase para conhecermos e intervir na construção do saber do educando com necessidade especial – DI, não é de hoje, mas perpassa longos caminhos, através da Constituição Federal – CF, as Leis de Base da Educação – LDB, em que os documentos e luta da educação busca a vertente da superação dos desafios dos preconceitos e dos retrocessos dos alunos especiais que foram excluídos.

Os recursos tecnológicos devem fazer parte das estratégias do processo ensino possibilitando aos alunos acesso de forma diversificada às tecnologias de informação e comunicação (TICs) (ROJO e MOURA, 2012). Dessa forma, a evolução tecnológica constrói um caminho de acesso às variadas formas de ensino, diversificando o processo de ensino-aprendizagem.

Com essas estratégias inovadoras e atrativas, podemos ensinar e alfabetizar. Os conteúdos podem ser os mesmos, a diferença está em como conduzir os alunos nesse percurso da alfabetização. Assim, não é diferente com o aluno com DI; apenas um desafio de despertar



os estímulos da aprendizagem. “Alfabetizar alunos DI é um desafio para a escola e também para o professor que precisa aceitar esse desafio, o primeiro passo é despertar nesses alunos o desejo de aprender a ler e escrever, condição básica para que o aprendizado aconteça”(SILVA, 2016, p.10).

O contato com a tecnologia, por meio de vídeos, escutar músicas, praticar jogos, tornam-se estímulos à criatividade na construção da leitura e escrita. A tecnologia possibilita tanto ao docente quanto ao discente um grande acervo de estratégias reais e imaginária no processo de alfabetização. Permitindo a todos, sem distinção, algum acesso permanente e prazeroso de estudar de forma diferenciada.

Atualmente, é difícil encontrar uma criança ou adolescente que não faz uso de algum dispositivo digital, seja para jogos, música ou telefonar. Também não é diferente com as pessoas com DI que usam esses aparatos tecnológicos para as mesmas coisas, tornando-os um objeto muito valorizado.

De acordo com Silva (2016):

As atividades tornam-se lúdicas e prazerosas, valorizando a participação ativa dos alunos. São vivenciadas as tentativas e a tolerância ao erro para que desenvolvam os esquemas de conhecimento, tais como: observar e identificar; comparar e classificar; conceituar; relacionar; e inferir. A aprendizagem ocorre de forma sistemática, ordenada e progressiva, iniciando com a consciência fonológica até chegar à leitura e à escrita de pequenos textos. A prática leva o aluno a elaborar tentativas de leitura e escrita, com auxílio de um material variado. Para a aprendizagem das sílabas e textos, o uso do material didático é essencial a fim de que os objetivos da proposta sejam atingidos. (SILVA, 2016, p. 12).

Para acontecer a ludicidade no processo de alfabetização, é preciso que, tanto o educador, quanto o educando sintam-se motivados no processo e na sua realização. É através da boa elaboração da teoria e prática que acontece as tentativas e as superações do erro. Dessa forma, os alunos, através de uma boa estratégia com o uso do aplicativo Silabando, podem associar o mundo escolar a sua realidade e assim acontecer práticas da alfabetização de forma espontânea.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram realizados encontros presenciais com os dois alunos com Deficiência Intelectual, com os professores que fazem o atendimento educacional na sala de recursos e na sala de aula regular, em consonância com esses encontros foram propostas atividades que os alunos antes não sentiam o desejo de realizar.



Durante os encontros, adaptamos as atividades ao uso do aplicativo *Silabando*. Sempre motivando e estimulando à prática de alfabetização, mediante a leitura e a escrita das palavras. Não houve resistência em realizar as tarefas. Ocorreu interesse em permanecer usando o celular, em interagir com as professoras e com os colegas que participou das oficinas.

Percebemos que o processo de ensino-aprendizagem acontece por meio principalmente do estímulo e das tecnologias digitais, juntamente com estratégias didáticas, despertando o interesse dos alunos, para não utilizar práticas fora de suas realidades e deixá-los desmotivados.

Ainda verificamos que o professor de Educação Especial da sala regular contribuiu com confirmação de que os alunos se interessam bastante pelas atividades inovadoras com recursos tecnológicos, e concluiu que será utilizada mais vezes em sua aula.

O docente da sala de recursos multifuncionais já fazia uso de alguns recursos tecnológicos digitais, porém, não utilizava o *app Silabando* para o processo de alfabetização e realização de tarefas, também confirmou a satisfação dos alunos e a produtividade do recurso no processo de ensino.

Os familiares que participaram do processo foram indagados a respeito da atenção e da realização das atividades por parte dos filhos e sobre a realidade do aluno com o uso desse recurso tecnológico, afirmando que gostaram muito da participação, que através do ensino com o aplicativo, houve mais interesse dos educandos em interagir e em aprender.

Dessa forma, a pesquisa foi concluída com dois alunos portadores de DI, uma professora do AEE e uma professora da sala regular de ensino. Também com a participação das mães, que afirmaram ter ocorrido interação, aceitação e motivação no uso do aplicativo no processo de ensino-aprendizagem dos alunos com Deficiência Intelectual. Todos envolvidos nesse projeto apresentaram satisfação e necessidade de continuar com o uso do aplicativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, verificamos que a tecnologia é uma eficiente ferramenta no processo de ensino de alunos com necessidades especiais, pois houve aumento significativo da participação e da interação dos educandos envolvidos na pesquisa. Bem como constatamos eficiência nas estratégias que os profissionais trabalharam na contribuição do aplicativo *Silabando* permitiu mais uma ferramenta dinâmica para a potencialização do ensino. Dessa maneira, tanto os alunos quanto os profissionais, receberam, de forma prazerosa, mais uma possibilidade de aprendizado.

Pois o ensino para o aluno com deficiência necessita de renovação a cada dia. Ressaltamos ainda que é necessário a utilização dos recursos tecnológicos digitais, de forma



benéfica e positiva para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem. Dessa forma, entendemos que, para que aconteça a inclusão do aluno com deficiência e um ensino qualificado através de estratégias que atendam as suas necessidades, torna-se mister a parceria de toda comunidade escolar, desde a participação da família até a colaboração e execução de todos que dão assistência ao aluno.

Assim, acreditamos que aplicativos digitais são grandes facilitadores e contribuintes nas práticas metodológicas e nas construções de estratégias para a potencialização do ensino-aprendizagem, trabalhando com o aplicativo *Silabando*, uma ferramenta de ensino que favorece o desenvolvimento de competências leitoras em várias faixas etárias, devido aos níveis de ensino executado pelo aplicativo.

REFERÊNCIAS

Bersch, Rita. **Introdução à Tecnologia Assistiva**. Porto Alegre: RS, 2017.

BRASIL. Constituição(1988).**Constituição da Republica Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico,1988.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Política Nacional de Educação Especial. Brasília, MEC/SEESP, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Lei nº 9394, de 23 de dezembro de 1996. Lei que fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional Brasileira**. Brasília: 1996.

COLL, C., PALACIOS, J. & MARCHESI, A. (organizadores). **Desenvolvimento psicológico e educação: necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

IMBERNÓN, F. **Qualidade do ensino e formação do professorado: uma mudança necessária**. Tradução de Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Cortez, 2016

MORAES, M. C. **Subsídios para Fundamentação do Programa Nacional de Informática na Educação**. Secretaria de Educação à Distância, Ministério de Educação e Cultura, Jan/1997.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Programa de Implantação das salas de recursos multifuncionais**. Edital nº 01 de 26 de abril de 2007 do MEC, 2007.

ROJO, R. H. R; MOURA, E. (Org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola. Editorial, 2012.

SASSAKI, R. K. Inclusão: **Construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro, WVA, 1997.

SILVA. Cláudia Mora da. **Alfabetização e Deficiência Intelectual:** Uma estratégia diferenciada. Paraná. 2016.

VIGOSTSKY, Lev Semenovitch. **A formação social da mente.** 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.